

A verdadeira conexão

Tiago nem queria acreditar. Andou tanto tempo a pedir aos pais para fazerem uma viagem juntos e tinham logo de escolher aquele sítio! Só podiam estar a gozar. Quem é que se lembraria de ir passar o Natal a Cascos de Rolha Mais Velho? Claro que não era este o nome da aldeia onde se encontrava, mas estava tão zangado com a situação que nem se interessava sequer por conhecer o nome do lugar onde estavam alojados. Só sabia que ficava no norte do país, numa zona muito rural, bem, bem no interior. Havia serras e calhaus por todo o lado e da internet, que é boa, nem vestígio! Devia ser o único sítio de Portugal onde não se apanhava quase sinal nenhum. Aquelas miniférias prometiam ser memoráveis! Bah!

A casa onde estavam instalados era de pedra e tinha um ar bem antigo. Era rústica, plena de antiguidades, como diziam os pais do Tiago, mas este só via nela velharias. Era o sítio ideal para descansarem e fazerem um *detox* digital, segundo o seu pai, e a mãe, mais dada às terapias alternativas, dizia que era um lugar com uma energia muito especial, que potenciava o encontro consigo próprios. Ele, por seu lado, só conseguia vislumbrar neste cenário de pesadelo umas férias tão desejadas completamente arruinadas e, com esse estado de espírito revoltado, não lhe apetecia nada encontrar-se consigo próprio!

Depois de desfazer as malas, a família foi almoçar a um pequeno café, que também era restaurante e mercearia, imaginem. Portanto, a escolha do lugar para as refeições não ia ser problema, ali, e a mãe tinha decidido que férias eram férias, por isso não ia cozinhar para poder desfrutar em pleno do instante presente, do «aqui e agora», essa dádiva divina, como defendia. Cada um fez a sua escolha e, quando a comida chegou, Tiago reparou que os pratos tinham um aspeto simples, mas bonito, e que emanavam um aroma maravilhoso. Para dizer a verdade, achava que era a primeira vez que estava a prestar mesmo uma atenção plena à comida que lhe era servida, porque, normalmente, estava com o telemóvel por perto, espreitando às escondidas (por não ser permitido) as notificações que recebia, ou ansioso por acabar o seu prato para ir jogar no seu portátil. Assim, aquela refeição, colorida, com alimentos frescos e particularmente saborosos, como já há muito não comia, soube-lhe verdadeiramente bem e até lhe trouxe memórias longínquas e agradáveis de uma bisavó materna, que ainda chegara a conhecer e que tomara conta dele, no início da sua infância. Era estranho pensar como um simples prato de comida lhe trouxera tantas reflexões. Não estava habituado a isso, mas, sinceramente, tinha gostado da experiência, ainda que não o confessasse aos pais. Agora entendia melhor a noção de *mindfulness* de que a mãe falava e que está tão na moda. Realmente, quando nos permitimos estar presentes, de corpo e alma, em algo que fazemos, podemos desfrutar mais desses momentos e até perceber e gerir melhor o que estamos a sentir. Entretanto, os seus pais quiseram ir à cozinha agradecer à cozinheira a refeição maravilhosamente confeccionada e o Tiago reteve uma frase que ela proferiu: «A comida pode ser simples, mas acreditem que o amor com que a faço é grande!». Lembrou-se logo daquelas placas decorativas que se veem à venda nas lojas de decoração, de autor desconhecido: «O amor é o ingrediente secreto!» e, ali, naquele momento, naquele lugar tão distante da sua realidade quotidiana, acreditou mesmo nisso!

Depois do almoço, os pais quiseram ir dar um passeio pela aldeia e ir até à floresta que a circundava. Mais uma vez, o rapaz sentiu a revolta a renascer dentro de si, já que tinha pensado ir para o quarto dormir, para o tempo passar mais rápido, mas não conseguiu demover os pais, que queriam passar «tempo de qualidade em família».

Quando se cruzavam com os aldeões, estes paravam prontamente o que estavam a fazer, cumprimentavam-nos e até queriam saber de onde eram, se tinham família ali, pois, infelizmente, a aldeia estava a ficar envelhecida, visto que as gerações mais jovens partiam todas

para as cidades mais próximas, em busca de outras oportunidades de trabalho. Algo que espantou Tiago foi o facto de essas pessoas não terem pressa de retomar os seus afazeres e se permitirem fazer uma pausa para conviverem com perfeitos estranhos, pelo simples prazer de dialogar, de comunicar. Isso fazia-nos falta nas cidades, pensou para consigo mesmo. Na verdade, reconhecia que, mesmo nos intervalos, pouco convivia com os seus colegas, pois estavam quase sempre imersos nos jogos e nem retiravam os olhos dos ecrãs para falarem uns com os outros, logo jamais lhes ocorreria pararem o que estavam a fazer para ouvirem ou falarem com quem fosse. Era como se considerassem isso um desperdício de tempo. No entanto, Tiago, ali, sentiu a diferença neste tipo de comunicação, pois permitia-se reparar no aspeto das pessoas, nos seus rostos, nas expressões, tristes, alegres, emocionadas, com que iam desabafando com eles. Era como se houvesse uma maior conexão entre si, apesar de serem perfeitos desconhecidos.

Entrando na floresta, a mãe refletia em voz alta sobre o encanto da natureza, em cada estação do ano, convidando o marido e o filho a verdadeiramente verem, ouvirem, cheirarem, tocarem, sentirem... Era um lugar muito puro e genuíno, segundo ela. O primeiro pensamento do filho foi, sinceramente, de troça e desdém, no entanto, como amava a mãe e sabia que para ela era importante fazerem aquele percurso juntos, fez um esforço para entrar naquele espírito. Digamos que considerou tratar-se de um desafio, como se se tratasse de um videojogo, por isso queria ganhar a partida. Nem de propósito, cruzaram-se logo com uma placa com a seguinte inscrição: «Não há Wi-Fi na floresta, mas existe uma conexão muito melhor!». A mãe disse logo que era um sinal de que estavam no bom caminho! Tiago tinha de admitir que se chateava ao ouvir essas intervenções da mãe, todavia, também tinha de confessar que, muitas vezes, faziam sentido, embora não lho dissesse diretamente. Era adolescente e, infelizmente, a estes jovens parece-lhes que dar razão aos pais é reconhecer que não sabem o que fazem, quando, na realidade, os pais só querem guiar os filhos pela vida, evitando-lhes perigos e sofrimento, como um farol que guia os barcos para encontrarem o caminho certo para casa.

Na floresta, Tiago deteve-se nas tonalidades das cores das árvores e dos arbustos que encontrou, nas particularidades dos cheiros da terra e da vegetação, nas texturas dos troncos e do musgo verdinho, permitiu-se ouvir o canto de algum passarinho que por lá andava e sentiu os diferentes odores que perpassavam o ar. Realmente, o oxigénio dali era especial: fresco e leve, enchia os seus pulmões não só de ar, mas também de energia revitalizante e, assim, apesar de já estarem a caminhar há algum tempo, sentia-se bem, cheio de ânimo, energia e alegria. Aí, encheu-se de coragem e confessou aos pais o que, de facto, sentia: desde a revolta sentida à chegada até à paz que experimentava naquele lugar. Partilhou que entendia, finalmente, o que ouvira nas aulas de Português, na citação de José Saramago: «Se puderes olhar, vê. Se puderes ver, repara!» e agradeceu-lhes por serem tão bons pais e procurarem sempre dar-lhe bons ensinamentos para a vida e abraçaram-se, em perfeita conexão uns com os outros e com a natureza envolvente!

Quando regressaram à casa onde estavam alojados, pasmem-se, o sinal da internet voltara, como que por magia. Talvez pudesse ter sido uma avaria momentânea, pois, apesar de não ser muito forte, era o suficiente para ligar os aparelhos. No entanto, isso não aconteceu. Tiago considerou que, se até ali, não tivera acesso à internet, se travava de um sinal do universo, para passar mais tempo com os pais e com aqueles aldeões, que os receberam de coração aberto, por isso dispensou o computador e dedicou-se mais às pessoas, ao seu redor, ali, naquele lugar cheio de história e tradição, naquelas férias especiais.

Nesse Natal, este jovem recebeu uma prenda muito especial que levou consigo, não só para o resto do ano, mas também da vida: o valor da verdadeira conexão!